

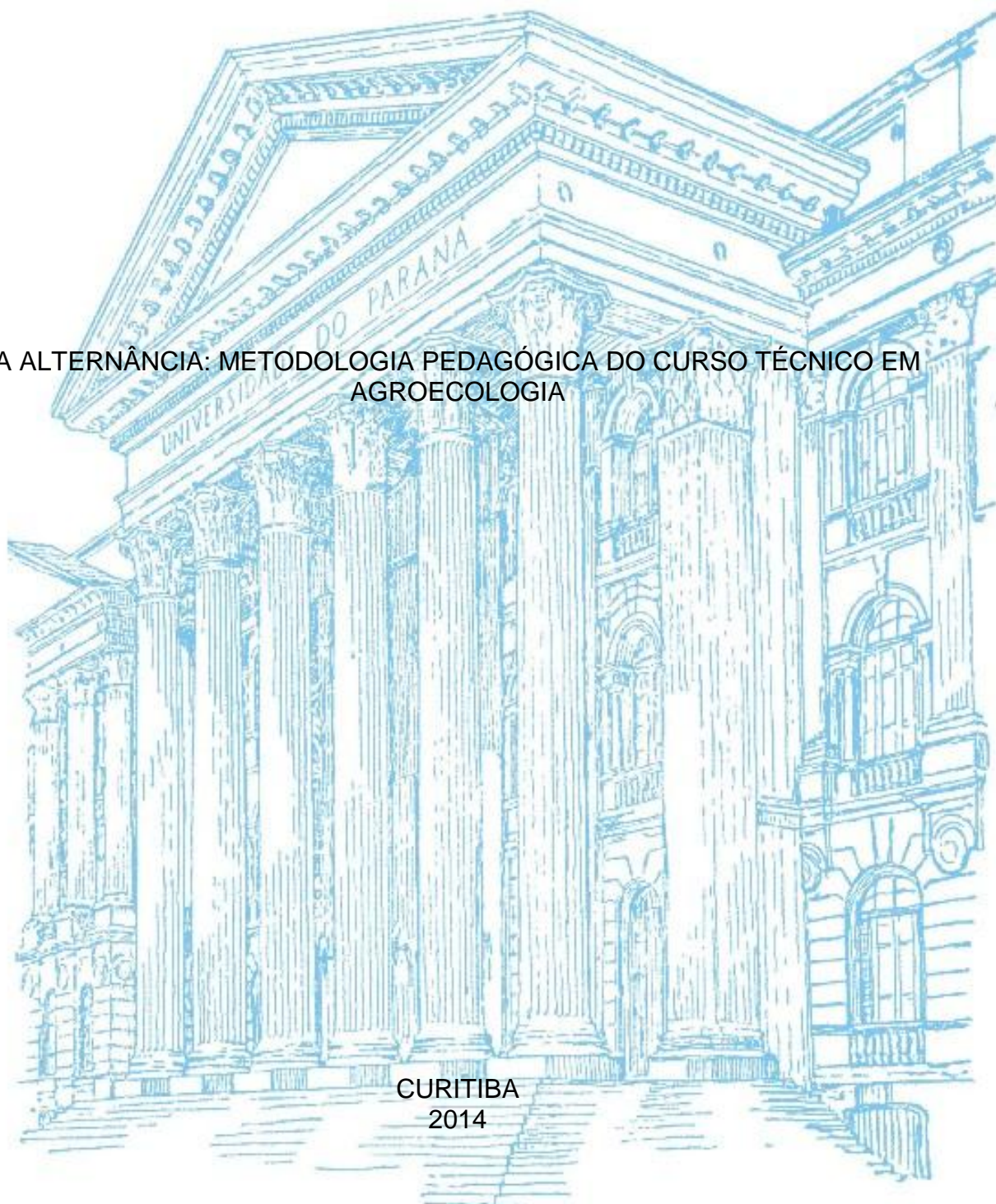
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVANI SILVA DE PAULA

A ALTERNÂNCIA: METODOLOGIA PEDAGÓGICA DO CURSO TÉCNICO EM
AGROECOLOGIA

CURITIBA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

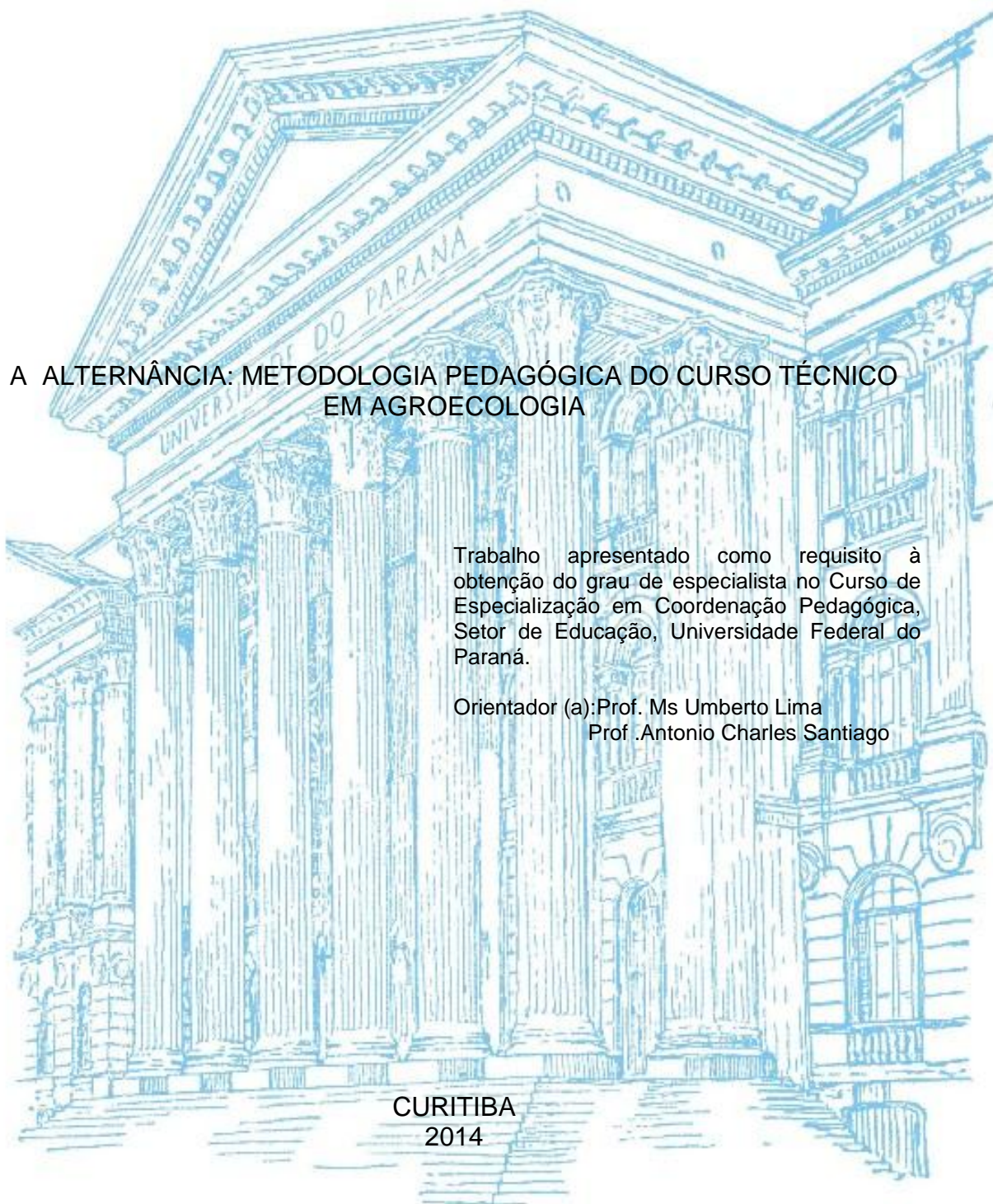
SILVANI SILVA DE PAULA

A ALTERNÂNCIA: METODOLOGIA PEDAGÓGICA DO CURSO TÉCNICO
EM AGROECOLOGIA

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso de
Especialização em Coordenação Pedagógica,
Setor de Educação, Universidade Federal do
Paraná.

Orientador (a): Prof. Ms Umberto Lima
Prof. Antonio Charles Santiago

CURITIBA
2014



A Alternância: Metodologia Pedagógica do Curso Técnico em Agroecologia

Silvani Silva de Paula

RESUMO

No Curso Técnico em Agroecologia do Colégio Agrícola a maioria dos alunos é oriunda da agricultura familiar e dessa forma buscam uma formação profissional nesta área, cujo sistema de produção respeita as dinâmicas dos ecossistemas, articulando trabalho, cultura, ciência e tecnologia com respeito ao meio ambiente. No entanto, após o término do curso estes alunos não retornam às suas propriedades para aplicar e desenvolver os conhecimentos adquiridos no curso, provocando o êxodo rural. Deste modo, este projeto tem como objetivo - Compreender a relação entre escola e família no Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas no sentido de compreender de forma positiva ou negativa a proposta da pedagogia da alternância. A pedagogia da alternância surgiu para não perderem-se os laços familiares, no desejo que acontecesse o retorno deste jovem para a propriedade rural de sua família. Para a coleta de dados da pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevistas com os alunos matriculados no 1º, 2º e 3º anos do Curso Técnico em Agroecologia, acompanhou-se os professores nas visitas de alternância, nas moradias de alguns dos alunos para pesquisar junto aos pais se havendo retorno de conhecimento adquirido no Colégio, pelos seus filhos. Espera-se com este estudo possa oferecer elementos para discussão entre a coordenação do curso Técnico em Agroecologia e a coordenação pedagógica, no intuito de diminuir o êxodo rural.

Palavras-chave: semana de alternância; agroecologia; alunos x pais.

Considerações Iniciais

O presente trabalho tem o intuito de discutir a importância da Educação do Campo voltada para as características intrínsecas do seu meio, como elemento propulsor do desenvolvimento e da melhoria da qualidade de vida dos alunos e de suas famílias, bem como a comunidade em que a escola está inserida.

Partindo da ideia de que uma educação rural, assumindo uma postura transformadora, permite ao aluno a consciência de seu papel na sociedade, enquanto coautor de sua história, deixando de lado a passividade e tornando-se agente de mudança na comunidade em que vive, a Educação Rural transformadora assume o compromisso com a cultura do povo, permitindo sua conservação e reinvenção.

O ensino agrícola tradicional sofreu inúmeras modificações desde o seu surgimento no Brasil até os dias atuais, momento no qual a sua estrutura curricular vem sendo repensada, na tentativa de se passar de uma concepção de ensino elitizada, voltada principalmente para o mercado e para a exploração agrícola comercial para um ensino contextualizado com a realidade dos estudantes.

Frente a isso, diversas propostas surgiram visando promover a formação integral do adolescente e do jovem residente no meio rural, destacando-se dentre elas a denominada Pedagogia da Alternância. Partindo desse pressuposto, na Pedagogia da Alternância o saber prático obtido junto da família se junta à teoria aprendida na escola, durante a troca de experiências. É na vinculação desses dois saberes que o aluno reflete sobre seu meio e elabora suas referências. Durante o processo de formação dos estudantes, a Alternância se verifica para além da diversidade de tempos e espaços de formação. Vale-se, sobretudo, das experiências que os próprios alunos trazem do seu cotidiano, tomando como base o seu local de inserção. Dessa forma, as comunidades de origem dos alunos se transformam em extensão da sala de aula, tornando-se laboratório em que esses deverão ampliar seus conhecimentos e intervir, a partir do desenvolvimento de ações

educativas, voltadas para a melhoria da qualidade de vida dessas populações.

A proposta surge como uma alternativa visando estimular os jovens a frequentarem a escola, evitando a evasão escolar, uma vez que os jovens não precisam abandonar o campo para concluírem seus estudos.

Essa proposta teve sua origem na França na década de 1930, denominado de modelo Escola Família Agrícola. Foi criada por iniciativa de um grupo de famílias residentes do meio rural, que propunham uma formação profissional aliada a uma educação condizente com a realidade dos seus filhos, denominando-se “Maison Familiale Rurale” (MFR), ou Casa Familiar Rural. Essas instituições foram construídas a partir de um longo processo histórico dos movimentos sociais do campo com forte inspiração democrática e Cristã. Atualmente, este projeto está presente nos cinco continentes e em trinta países, com uma mesma concepção: a responsabilidade e o envolvimento das famílias na formação dos jovens, no sentido de provocar o desenvolvimento global de seu meio.

No Brasil, o uso da Pedagogia da Alternância vem ocorrendo a partir da década de 1960, quando, no Espírito Santo, um grupo de educadores implementou as primeiras Escolas Famílias Agrícolas - EFAs, a partir das experiências francesas. Desde então, uma sucessão de experiências significativas e inovadoras foram vivenciadas, apresentando resultados em sua maioria, bastante significativos para a educação das populações do campo.

A metodologia da Pedagogia da Alternância está fundamentada no conhecimento, na apropriação e na valorização das diversas experiências sociais, originárias do meio no qual está inserido o aluno. Focada na temporalidade, na valorização e diversidade dos saberes, no desenvolvimento local e nas diversas formas e modos de produção. Pautando-se especificamente na busca pela formação e desenvolvimento das pessoas e do meio no qual estão inseridas através da formação integral do sujeito. Desse modo, a proposta baseia-se em

dois pilares, quais sejam: a formação integral e a metodologia da alternância a fim de problematizar a aprendizagem do sujeito alternante. Através da Alternância, desenvolvida em tempos e espaços distintos, compreende-se a formação integral do aluno, não limitada ao espaço escolar, mas expandida para os seios familiar e social. Com esta estrutura organizacional a Pedagogia da Alternância pretende oportunizar tempo e espaço para a vivência e a convivência no ambiente escolar e no ambiente familiar e comunitário.

A Pedagogia de Alternância trabalha em sincronia com a escola e o trabalho, fazendo com que o jovem continue estudando e ao mesmo tempo não se desvincule da família, auxiliando com sua mão de obra, bem como promove o desenvolvimento tecnológico, econômico e social da propriedade. Dessa forma, há uma participação ativa da família na educação do jovem. Esse relacionamento, integrando a educação com o trabalho e a família, oferece ao jovem oportunidade e comprometimento de inserção, de experimentação, de diálogo e de responsabilidade, respeitando suas raízes, cultura, possibilitando que a partir do seu conhecimento, o ensino se concretize.

Desse modo, institui-se um relacionamento entre o meio em que o aluno vive e a escola. Por deixarem de serem instâncias antagônicas, família e escola reinterpretam-se mutuamente, uma vez que, de acordo com o proposto por essa metodologia, o aluno retorna ao seu meio com sua problematização sistematizada no ambiente escolar e propõe as soluções para os problemas existentes na comunidade. Pelo conhecimento científico incorporado ao saber já adquirido no seu meio, ele se torna capaz de reinterpretar sua realidade e elaborar novos questionamentos que serão levados para sala de aula e lá debatidos com o coletivo escolar.

Essa elaboração contínua de conhecimento, envolvendo família, comunidade, aluno e escola, torna-os sujeitos ativos nesse rico processo de aprendizado, aprimorando a necessária parceria que deve existir entre família e escola.

1. Histórico do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas

O Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas - Ensino Fundamental, Médio e Profissional situado na PR 151, Km 02, Rodovia João Chede, no município de Palmeira, foi criado pelo Decreto 6262 de 07/02/79. Faz parte do mesmo, uma Unidade Didática Produtiva (fazenda escola), destinada às atividades teórico-práticas dos alunos.

O colégio funciona em regime de internato, semi-internato e externato, onde residem 170 alunos internos. Recebe alunos do interior do município de Palmeira, de outros municípios do Estado do Paraná, de outros Estados do Brasil.. Tem um total de 290 alunos matriculados neste ano letivo de 2014, e na sua maioria são provenientes do meio rural.

O Ensino Profissional Agrícola teve sua origem no Brasil por meio do Ministério da Agricultura em 1910, mas somente em 1946 através da Lei Orgânica de Ensino Agrícola numero 9.613, institucionalizou essa Modalidade de Ensino.

A história do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas inicia-se em 19 de abril de 1941, quando foi fundado o Internato com o nome de Escola de Trabalhadores Rurais "Dr. Getúlio Vargas", subordinada a Secretaria da Agricultura do Estado, destinada ao Ensino Primário e preparação de menores filhos de lavradores em práticas de agricultura, segundo o regulamento aprovado pelo Decreto 10858 (das Escolas de Trabalhadores Rurais) em 12 de outubro de 1953.

O Colégio tem por objetivo propiciar ao educando pleno desenvolvimento para o exercício da cidadania e para sua formação profissional qualificada, primando sempre pelos princípios éticos e humanos.

Nesta escola são ofertados somente cursos de Educação Profissional, onde 76% dos alunos são oriundos da zona rural, 12% destes, fazem o Curso Técnico em Informática que é o único curso que não é voltado ao jovem do campo. Portanto 91% dos alunos realizam os cursos de Agropecuária e Agroecologia que tem uma educação voltada

especialmente ao público rural, sendo assim, considerada uma escola rural.

1.2- O Curso Técnico em Agroecologia

Reconhecido e credenciado pelo Ministério da Educação - MEC e Conselho Estadual de Educação - CEE, por meio da Resolução 1.602/08 de 22/04/2008, o curso possui um carga horária total de 4800 horas/ aulas, ou 4000 horas, distribuídas em três anos letivos, sendo que 130 horas são destinadas para o estágio. Tem como proposta pedagógica do curso o regime de alternância e as aulas são ministradas, em período integral (manhã e tarde), intercalando entre sala de aula e atividades teórico-práticas nas dependências da Unidade Didática Produtiva - UDP.

Na sua maioria, os alunos do Curso Técnico em Agroecologia provêm de pequenas propriedades, são filhos de pequenos produtores rurais. As características desse público são consideradas pelo curso, que objetiva incentivar a agricultura familiar e fixar o homem no campo. Para ingressar no curso a preferência é de quem reside numa propriedade rural possibilitando a realização dos projetos de alternância. A seleção é por meio de teste seletivo onde são aplicados dois questionários, um de conhecimentos em agricultura e um segundo sócio econômico. Como critérios de aprovação considera-se o grau de conhecimento e interesses do aluno para com a agroecologia, o tamanho da propriedade e a renda familiar, quanto mais baixa forem maior pontuação e melhores chances de entrar no curso. Seguindo essas questões é traçado um perfil para ingresso de alunos que fazem parte de um segmento caracterizado pela agricultura familiar.

As aulas e atividades práticas são ministradas de segunda a sexta-feira, em turno integral, com atividades eventualmente à noite, sábados, domingos e feriados. As aulas teóricas e práticas são integradas para uma melhor e maior aquisição de conhecimentos, desenvolvido através do regime de alternância.

Segundo Monteiro (2000, p.28) são três os pontos básicos da Pedagogia da Alternância:

- a conjugação entre trabalho e propriedade rural e aprendizado escolar;
- o envolvimento da família no processo de formação de jovens e na construção da escola;
- a formação de cidadãos integrados social, comunitária e culturalmente, interessados em permanecer na zona rural. (MONTEIRO, 2000, p.28)

No Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, o Regime de Alternância prevê que os alunos alternem três semanas de atividades presenciais na escola e uma semana vivenciada (semana de alternância) em sua propriedade e/ou comunidade, que é previamente cadastrada e/ou em propriedades de outras comunidades previamente cadastradas e conveniadas.

A agricultura intensiva, realizada inadequadamente, causa grandes impactos ambientais, tornando imperativo o trabalho com o setor agropecuário. Tendo uma escola voltada para o jovem do campo, torna-se viável um curso que de ao aluno conhecimentos para trabalhar na área rural fixando o jovem no campo a partir de práticas agroecológicas, já que o jovem é a força de trabalho na agricultura familiar. (PLANO DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA, 2010). Incentivando a permanência do jovem na sua própria região, na perspectiva de um desenvolvimento sustentável, mas com qualidade de vida, o Curso Técnico em Agroecologia apresenta uma concepção de formação técnica que articula trabalho, cultura, ciência e tecnologia com respeito ao meio ambiente. O curso tem uma visão agroecológica que perpassa todas as disciplinas, com uma visão unificada sobre o agronegócio e a agricultura sustentável, promovendo educação de qualidade, formando profissionais que atendam à realidade do campo.

Sendo o curso voltado ao público que tem como base a agricultura familiar, o colégio forma um técnico capaz de realizar o manejo dos sistemas produtivos através da mecanização adaptada a essa realidade, visando à modernização, porém focado no sistema agroecológico de produção orgânica, animal, e agroindustrial.

Nas décadas de 1960 e 1970, o sistema de produção familiar, foi modificado com a redefinição da agricultura por meio da implantação da monocultura, da mecanização, e do uso frequente de adubos químicos e agrotóxicos. Ao longo dos anos a fertilidade natural do solo foi comprometida, acelerando a degradação e contaminação ambiental. Com o desenvolvimento das grandes lavouras e da monocultura intensificam-se a dependência por insumos químicos.

Algumas consequências da redefinição das atividades agrícolas no Brasil e da sua modernização foram à expulsão de pequenos produtores do campo, a concentração de terras nas mãos de poucos e o descaso das políticas públicas em relação à agricultura familiar.

A agroecologia mostra-se uma prática essencial para a manutenção e resgate de técnicas de cultivo, hábitos alimentares saudáveis, preservação ambiental, valorização do conhecimento dos agricultores e manutenção dos mesmos no campo, diminuindo o êxodo rural, que é consequência do modelo agrícola implantado no século passado. Ela também privilegia as relações socioeconômicas e culturais.

Todas essas questões precisam ser tratadas pela educação do campo como um enfrentamento a ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Diante das desigualdades econômicas, sociais e educativas sofridas por essa parcela da população, faz-se urgente uma reorientação do sistema educacional, voltado especificamente para o meio rural. Preparar os jovens agricultores profissionalmente para que estes encontrem na atividade agrícola uma perspectiva profissional, econômica e de valorização social.

Estas proposições exigem a reestruturação de programas e currículos de ensino, possibilitando uma relação permanente entre instituições, educandos e comunidade, valorizando, juntamente com os saberes historicamente acumulados, os saberes dos sujeitos locais.

A preocupação de fixar o homem no campo, por meio da construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades técnicas na área da agricultura sustentável levou o Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, localizado no município de Palmeira, Estado do Paraná, a ofertar cursos voltados à formação do jovem do campo. O

colégio está localizado em uma área de transição entre o rural e o urbano, porém suas atividades são voltadas em sua maioria às questões rurais.

VISITAS DE ALTERNÂNCIA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A alternância começou com a ideia de alguns líderes comunitários, os quais a levaram para a escola criando o projeto. A incorporação da Pedagogia da Alternância só começou quando o corpo docente de cada uma das escolas decidiu implantar esta pedagogia, se arriscou e se dispôs a trabalhar com ela. A teoria preenchia as lacunas da prática e, quando aplicada, transformava-se gradualmente a realidade. Esta teoria foi sendo cada vez mais integrada a prática e se fazendo cada vez mais concreta. Este processo de aprendizado vivido pelas escolas foi vital para a implantação da pedagogia existente hoje. (SÃO PAULO, 2000, p. 54).

O Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio é realizado através da alternância, e esta prática é analisada com todo o corpo de educadores do Colégio, que segundo a coordenação do curso, embasados na LDB nos artigos 26, 28, 35 e 36, dão liberdade aos professores realizar mudanças nos conteúdos curriculares e escolher quais devem ser ministrados, mesmo que estes não estejam na ementa. Portanto, os educadores têm a oportunidade de opinar e mudar os conteúdos das disciplinas. Assim os professores da Base Nacional Comum integram suas disciplinas ao curso técnico, para terem mais aproveitamento para os educandos.

Também são realizadas reuniões com o corpo docente da escola que lecionam no Curso de Técnico em Agroecologia juntamente com pedagogas e direção do Estabelecimento de Ensino, conselhos de classe e reuniões de professores. Nessas são tratadas metas para o curso, discutidos resultados e melhorias das visitas às famílias dos educandos e projetos dos alunos nas semanas de alternâncias, diagnóstico do curso e eventuais problemas encontrados.

A realização destes eventos com professores e coordenadores da escola, faz compreender de fato a importância da integração entre o

ensino médio e a educação profissional, já que esta é essencial para o desenvolvimento dos educandos. Pois como a rotina da escola tanto dos professores, quanto dos coordenadores é sempre corrida, nunca sobra tempo para que estes sentem juntos e exponham suas disciplinas, conteúdos, dificuldades e sugestões para melhora. Segundo os coordenadores do curso, essas se refletem no comportamento dos educadores.

Esse processo realizado pelos docentes da escola constrói um “ciclo de aprendizagem vivencial” que parte-se da prática, reflete-se sobre ela, e a partir daí são desenvolvidos conceitos e incorporados teorias que ajudam a entender e aprender a partir da alternância, subsidiando um novo entendimento para poder intervir na realidade que pode ser mudada. (SÃO PAULO, 2000, p. 54).

O “ciclo de aprendizagem vivencial” compreende cinco estágios, o primeiro é experimentar: momento onde é gerado informações individuais que pode colocar em evidência sensações, sentimentos, pensamentos, ações ou vontades. O segundo estágio é colocar em comum os dados que os alunos compartilham para o grupo em suas experiências, como dados cognitivos, afetivos e comportamentais. O terceiro é processar e analisar os dados. O quarto estágio é generalizar: é o momento em que se ultrapassa as atividades para pensar em hipóteses e abstrações relacionadas a vida cotidiana do professor. O quinto e último estágio é o momento onde os professores planejam o que fazer para aplicar as melhorias. Assim há uma transferência do conhecimento da sala de aula, permitindo contextualização entre os indivíduos e, portanto mudanças na realidade. (SÃO PAULO, 2000, p. 54).

Surge dentro da pedagogia da alternância, a educação permanente nesse processo de formação de professores que favorece a tomada de consciência de melhorar a sua própria atuação, seguindo três condições: existir o compromisso pessoal, trabalhar em grupo e considerar o contexto em que está inserido. (DUFFAURE apud SÃO PAULO, 2000, p. 56).

Nas semanas de alternância são realizadas visitas nas casas (propriedades) dos alunos, que tem por objetivo principal estabelecer um canal de comunicação entre pais e escola. Essa comunicação proporciona uma discussão conjunta sobre a formação dos educandos, auxiliando os professores a inserir a realidade dos jovens no contexto escolar e facilitar o processo de engajamento dos pais na formação de seus filhos. As visitas se justificam também, para que os educandos possam mostrar seus projetos, independente da fase de desenvolvimento que este se encontre.

Os projetos de alternância são estabelecidos no início do ano letivo entre o aluno e os professores coordenadores do curso. Este aluno propõe um projeto agroecológico, para o desenvolvimento na propriedade ou comunidade onde mora, que deve ser desenvolvido durante as semanas de alternância. Como contou a coordenadora do curso, esses projetos são informais, os professores coordenadores realizam o registro da atividade proposta pelo aluno para poder comprovar sua execução durante as visitas na semana de alternância.

A informalidade dos projetos se justifica segundo a coordenadora do curso, porque os professores não podem avaliar formalmente e nem estabelecer uma nota para o aluno quanto a efetivação ou não dos projetos, pois a alternância não é uma disciplina e sim um meio de estabelecer o laço entre o aluno, a família e o meio rural.

O conhecimento da família do educando, juntamente com a comunidade onde este vive torna os laços entre os educadores e os educandos ainda mais forte facilitando o entendimento e aprendizado de ambos.

Enquanto a preocupação dos pais esta centrada no desempenho de seus filhos na escola, o professor tem que se preocupar em fazer um bom levantamento do desenvolvimento do aluno na comunicação com os pais, na administração de eventuais projetos que ele desenvolve em sua propriedade, na administração conjunta da propriedade, na utilização de tecnologia e nos planos de futuro do jovem. O professor visitador é o mediador, da relação entre o pai e filho, papel essencial na construção do diálogo na família. Enquanto as perguntas têm o papel de linha que costura as realidades vividas nas duas sessões, o diálogo, melhorando com a mediação do professor, é o que facilita a incorporação de uma realidade à outra. (SÃO PAULO, 2000, p. 92).

As visitas dos professores do curso Técnico em Agroecologia do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, são planejadas e estabelecidas anualmente de modo que os educandos são selecionados e visitados por região, independente da série que o aluno esteja. Outro critério é para viabilizar tempo. Na realidade, segundo a coordenação do curso, deveria ser priorizada a visita aos alunos que apresentassem maiores dificuldades na aprendizagem, ou que estivessem apresentando sinais de que não se identificaram com o curso, pois muitos não conseguem realizar as atividades na alternância. Outro fator é que não há verbas suficientes para o combustível para que possa ser avaliada a evolução do educando durante o curso, pois como as distâncias são muito grandes, fica inviável.

Para a realização das visitas, os dois professores coordenadores do curso preparam um cronograma já no início do ano letivo com as datas de alternância e quais alunos irão visitar. São convidados três professores, tanto das disciplinas técnicas quanto da base nacional comum, para que estes já estejam cientes das datas da realização das mesmas e possam acompanhá-los às propriedades das famílias dos alunos. Portanto, são cinco educadores presentes em cada uma das visitas.

A visita dos professores as famílias é um dos elementos de estruturação da pedagogia da alternância que coloca sobre os ombros do professor visitador uma responsabilidade enorme. O professor primeiramente deve estar disposto a “comer muito pó” para desempenhar seu papel, porque as distancias percorridas podem ser grandes. Muitas vezes, ele vai “dar com a cara na porta” porque os pais saíram, ou ficará muito mais tempo na propriedade do que havia planejado, porque a família lhe preparou almoço, cafezinho, bolo... ou seja, ele tem que estar disposto a doar de si para a construção das relações humanas inseridas neste contexto. Ele é o representante da escola dentro da casa do jovem, o que implica na administração de uma série de detalhes de relações que não existiam na vida destes

professores (e certamente tampouco na vida dos pais e jovens), na escola tradicional. (SÃO PAULO, 2000, p. 94).

Para ampliar a análise proposta neste projeto realizamos, juntamente com os professores visitantes, duas saídas na semana de alternância. Visitamos oito famílias dos educandos. A primeira visita foi realizada em 14 de fevereiro a três famílias de alunos no interior da cidade de Palmeira e no dia 14 de março foram cinco visitas realizadas as famílias dos alunos do município de Morretes.

Os professores começavam as visitas com a apresentação e conversas informais, para deixar a família mais a vontade, pois a maioria demonstrou ansiedade, nervosismo e timidez. Conversaram com os pais sobre o educando sobre seu comportamento, se mudou ou não desde o ingresso no curso, se estes veem o avanço de seu filho. Questionam no que o educando ajuda em casa, se realiza projetos e quais são eles. Os professores também colocam suas opiniões quanto ao comportamento do aluno. Então, os educadores conhecendo um pouco da realidade da agricultura começam a entender que tipo de trabalho desenvolver com os educandos nas semanas de alternância e que tipo de integração com o ensino médio estes educando necessitam para de fato terem o aprendizado.

Nas visitas realizadas às famílias dos educandos durante a semana de alternância, observamos as atividades desenvolvidas pelos alunos na propriedade onde moram, bem como registramos alguns apontamentos dos professores visitantes em relação aos trabalhos desenvolvidos e as sugestões dadas para melhorar as atividades ou implementar outras.

A propriedade 01 é uma propriedade familiar pequena, localizada no interior do município de Palmeira, onde a família pratica agricultura de subsistência e criam alguns animais para consumo próprio (porcos, galinha e gado de leite). A renda familiar é obtida através do trabalho do pai do aluno e dos outros filhos nas propriedades vizinhas e também do aluno, que contou aproveitar as semanas de alternância para trabalhar e assim ajudar na renda. Na visita encontravam-se na propriedade o educando e sua mãe. Observamos que não havia nenhum tipo de

atividade agroecológica desenvolvida pelo aluno, o que fez os professores visitantes sugerirem como atividade da alternância o cultivo de uma horta orgânica, para vender os produtos agroecológicos ajudando na renda da família.

A propriedade 02 é uma propriedade familiar, também localizada no interior do município de Palmeira, onde plantam culturas para comercialização e criam animais como suínos, aves e gados de leite para o consumo da família. Na visita estavam presentes o aluno, sua mãe, seu pai (que estava trabalhando na propriedade e veio para o almoço) e sua irmã. Observamos que na propriedade é bastante utilizada adubação e defensivos químicos. O aluno fez como atividade das semanas de alternância uma horta orgânica e um minhocário, porém ainda não o havia utilizado. Então os professores incentivaram-no a utilizá-lo para processar os restos de alimentos e obter húmus para a horta. Sugeriram ainda, como atividades da alternância, melhorar o pomar, plantando novas mudas frutíferas e fazendo a enxertia de outras.

A propriedade 03 é uma propriedade familiar localizada no interior do município de Palmeira, onde a família planta culturas para venda e para o consumo próprio, além de criar animais só para o consumo da família (porcos e galinhas). A renda familiar é obtida através da venda da produção e também do trabalho do pai do aluno nas propriedades vizinhas. Nesta visita encontrava-se somente o educando. Observamos que o aluno fez como atividade da semana de alternância uma horta orgânica e o plantio de algumas espécies de grãos que os professores entregaram na escola. Ao ser observado que na propriedade havia plantio de mudas de morangos, os professores sugeriram ao aluno que na alternância replantasse e cultivasse morangos orgânicos para vender e ajudar na renda da família.

A propriedade 04 é uma propriedade familiar pequena localizada no interior do município de Morretes, litoral do Paraná onde plantam e criam porcos para consumo próprio. A renda da família é obtida através do trabalho do pai da aluna nas propriedades vizinhas e também da aposentadoria de sua avó. Nesta visita encontravam-se a educanda, sua avó e seu pai. Constatamos que a aluna fez durante as semanas de

alternância uma horta orgânica, porém somente com um tipo de cultivo. Os professores passaram sugestões para melhorar a horta e plantar novas mudas frutíferas no pomar. Também incentivaram que a aluna realizasse durante a semana de alternância a criação de mais animais para o consumo da família como suínos e aves.

A propriedade 05 é também uma propriedade familiar localizada no interior do município de Morretes, onde plantam culturas para venda e também para o consumo próprio. A propriedade mantém uma mata nativa de Palmeiras Pupunha (área de preservação), mas também plantam palmeiras para a venda do palmito. A renda da família é obtida através da venda da produção e do trabalho do pai e da mãe da aluna na cidade. Na realização da visita estavam presentes a aluna, sua mãe, seu pai (que estava trabalhando e veio para o almoço) e também sua tia. Constatamos que não havia nenhum tipo de atividade agroecológica desenvolvida pela aluna, porém ela contou que já realizou o cultivo de uma horta, mas que não conseguiu cuidar, pois na alternância ajuda na comunidade em trabalhos sociais na igreja. Os professores visitantes sugeriram então que a mesma, além de ajudar nesses trabalhos comunitários, conseguisse conciliar tempo e realizasse como atividade da semana de alternância uma horta orgânica e/ou a criação de aves para o consumo da família.

A propriedade 06 é uma propriedade familiar pequena localizada no interior do município de Morretes onde plantam culturas para venda e também para o consumo próprio, além de criarem suínos para o consumo. A renda da família é obtida através da venda da produção e do trabalho do pai do aluno nas propriedades vizinhas. Na realização da visita estavam presentes o aluno e sua mãe. Observamos que o aluno fez durante as semanas de alternância uma horta orgânica, porém com poucos tipos de cultivos. O aluno contou que durante a alternância além de trabalhar no cultivo da horta, trabalha nas propriedades vizinhas para ajudar na renda da família. Os professores passaram sugestões de melhorar a horta e também incentivaram o aluno a plantar árvores de palmeiras em um barranco que estava erodindo, solucionando o

problema, além de poder vender o palmito e ajudar na renda da família. Também incentivaram a criação de mais animais para o consumo.

A propriedade 07 é uma propriedade familiar pequena localizada no interior do município de Morretes, onde plantam e criam alguns animais (aves e porcos) para consumo próprio. A renda da família é obtida através do trabalho do pai do aluno na cidade. Na realização da visita estavam presentes o aluno, sua mãe, seu pai, seu avô e sua avó. Observamos durante a visita que o aluno realizou varias atividades durante as semanas de alternância, como a implantação de técnicas agroecológicas na criação de animais como aves e porcos, realizou uma horta com vários tipos de cultivos, fez o plantio de algumas espécies de grãos entregues pelos professores na escola, além de estar começando um minhocário. Nesta visita não partiu dos professores a iniciativa de sugerir atividades, pois o próprio aluno realizou vários questionamentos quanto ao cultivo na horta, e sobre pragas nas plantações, além de pediu sugestões de plantios.

A propriedade 08 é uma propriedade familiar pequena localizada no interior do município de Morretes, onde plantam culturas para venda e também para o consumo próprio. A renda da família é obtida através da venda da produção, do trabalho do pai da aluna nas propriedades vizinhas e do trabalho da mãe da aluna na cidade. Nesta visita encontravam-se a educanda e sua mãe. Constatamos que a aluna fez durante as semanas de alternância uma horta orgânica com vários tipos de cultivos, na qual os professores passaram sugestões para melhor à horta e plantar novas culturas.

A partir das observações feitas nas propriedades onde moram os alunos, pudemos perceber que quase todos os alunos da 1ª série realizam durante as alternâncias, algumas práticas agroecológica. Já os alunos da 2ª série, em sua maioria também realizam práticas agroecológicas, porém um deles não havia realizado nenhuma. Quanto aos alunos da 3ª série percebemos que além de realizarem poucas atividades, um aluno também não realizou nenhuma. Portanto notamos que os alunos da 1ª série possuem maior interesse quanto as práticas sugeridas durante as semanas de alternância do que os alunos da 2ª e

3ª série. Para a coordenadora do curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio,

Isto se dá pela experiência em atividades agroecológicas que nos educandos da 1ª série é menor. Já com o passar dos 3 anos letivos do curso os educandos adquirem experiências de atividades nas semanas de alternância, na escola em aulas práticas e em visitas e/ou viagens técnicas. Portanto o que o mesmo não tem necessidade ou já está convicto que é uma prática que obtém sucesso, essa é deixada em muitas das vezes de lado. (COORDENADORA DO CURSO).

Os pais dos alunos, também aproveitam para requisitarem aos professores das disciplinas profissionalizantes (pois estes na sua maioria são engenheiros agrônomos, veterinários, e zootecnistas.) assistência técnica para resolverem problemas existentes na propriedade, principalmente aqueles mais carentes. Os professores por sua vez tentam ajudar, porém não conhecem muito bem a propriedade e auxiliam no que podem, pois quem deve dar assistência são técnicos que conhecem a propriedade e as especificidades técnicas da região, e não os professores que acabam de conhecer, mas como na maioria são pequenos produtores carentes, eles sempre dão algumas dicas. Os professores desafiam os alunos, perguntando, o que fariam em tal situação, ou respondem que isto já viram em aula e se o aluno teria ou não condições de saber resolver, instigando assim o mesmo a procurar soluções.

Portanto, a alternância colabora para a implantação de um sistema propício para unir elementos básicos da educação profunda: motivação, atividade, interação. O aluno pergunta e o professor tem que ajudá-lo a descobrir a resposta com outras perguntas. Em sala de aula todas as dúvidas fazem parte da realidade da maioria. Quando as dificuldades individuais se tornam uma barreira para este aluno explorar sua realidade, elas podem ser trabalhadas individualmente em outros momentos, como durante as visitas feitas às famílias. (SÃO PAULO, 2000, p. 75).

Como as propriedades em que os alunos moram, são na maioria das vezes localizadas no interior dos municípios, os alunos completam

um questionário com dados de endereço, como cidade, a localidade/comunidade, dados familiares, telefones para contato e desenham um mapa da localidade com vários pontos de referência, pois por se tratar da zona rural e sendo esta desconhecida dos professores, quanto mais dados para identificação for passado mais fácil para encontrar a propriedade. Uma professora relatou que inúmeras foram as vezes em que não encontram a propriedade.

Durante as visitas de alternância os professores permanecem na propriedade entre uma hora e trinta minutos a duas horas, porém nas propriedades onde almoçam, precisam permanecer um pouco mais tempo. Das visitas em que participamos somente em duas a figura do pai estava presente em todo o período da visita, no restante, quatro delas, eles não se encontravam, estavam trabalhando e outros dois estavam presentes somente no almoço. Portanto, o contato ocorre mais diretamente com a mãe, as quais questionaram sobre a vida do filho na escola, seu comportamento em sala e internato. Três delas foram mais afundo, perguntando se o filho participava das aulas, sobre seus avanços na escola e seu relacionamento com professores e colegas. Outras notamos constrangimento e timidez em perguntar, assim sendo os professores é quem comentavam sobre a vida escolar do aluno. E notou-se que elas gostam das visitas de alternância, pois comentaram que a distância até o colégio é grande, e assim com as visitas dos professores elas tem um retorno de como esta o andamento das atividades escolares do seu filho.

Algumas frases ditas pelas mães dos alunos evidenciaram o benefício que elas acham que as visitas dos professores trazem, as quais destacamos:

“Isso daí que vocês fazem é muito bom, vocês vindo aqui da pra perceber como ele é bem tratado na escola”. (mãe de aluno);

“Vocês incentivam ele a trabalhar na propriedade, depois que ele começou a estudar lá, trouxe bastantes idéias e aplicou aqui em casa”. (mãe de aluno);

“Eu acho essas visitas muito importantes, com essa prática ele aprende mais, ele fica mais motivado a trabalhar aqui em casa e aprender mais também lá no colégio”. (mãe de aluno).

Nas observações feitas durante as oito visitas, os professores procuraram estimular a iniciativa do aluno no planejamento e execução de um projeto ou inovações agroecológicas na propriedade, dando dicas, de produtos que poderiam ser plantados e comercializados na região. Sempre davam sugestões de atividades a serem implantadas ressaltando aspectos positivos da agroecologia sobre a propriedade, porém sempre com cautela, pois são sabedores que em alguns casos os pais são receosos quanto à conversão da agroecologia.

As visitas colocam o professor no âmbito familiar, fazendo com que o educando se utilizem desta aproximação, estes também dão novo valor ao professor, não só como referencial educacional, mas também como amigo. Assim, o professor é redescoberto pelo aluno e pela família nas visitas, e o aluno também é redescoberto pelo professor. Ao conhecer a realidade do aluno, o professor passa a enxergar diferente seu trabalho como educador, passando a ter mais consciência do quanto este contato, agrega de valor e qualidade ao processo educacional do aluno. (SÃO PAULO, 2000, p. 96-97).

Em todas as visitas os professores visitantes realizaram relatórios os quais constam qual propriedade familiar foi visitada, quem mora na casa, o que cultivam, o tamanho da propriedade, dados sobre as atividades desenvolvidas pelo educando, quais professores participaram da visita, além de outros dados que acham pertinentes registrar que surgem em cada propriedade visitada. Estes são repassados em uma ATA que fica documentada no Colégio, e que são apresentados nas reuniões de professores e conselhos de classe, onde a coordenação socializa com os demais educadores as experiências e as realidades dos alunos visitados na semana de alternância. Através das experiências vivenciadas e das informações coletadas os professores podem encontrar os pontos de intervenção da escola na formação do jovem. Esse material coletado nas visitas as famílias é fundamental para se fazer uma contextualização adequada do ensino,

geradora de maior impacto sobre a qualidade do ensino, sobre a realidade do jovem.

Portanto para o educando e sua família a prática pedagógica da alternância traz responsabilidades pelo seu desempenho escolar assim como preocupação quanto ao seu futuro profissional, pois junto com as demais práticas usadas pela escola, como as aulas práticas e estágios o aluno está sempre buscando aprender além da escola. Os educandos desenvolvem um aprendizado que se dá dentro da escola intercalado ao aprendizado que se dá fora dela ou junto à família, pressupondo uma maior aquisição de conhecimentos. É a partir das oportunidades, das experimentações dos problemas e da sua realidade local que ele constrói os conceitos com base teórica encontrada na escola, ajudando-o a assumir um papel ativo na construção de seu conhecimento.

Essa prática pedagógica acaba unindo a educação, a cultura e ainda o trabalho do educando junto a sua família na propriedade, assim o foco educacional sai da formação técnica para uma formação mais integral, fortalecida na construção com a família e comunidade, como sugere Duffaure (1991, p. 8).

O mesmo autor afirma que uma alternância entre o trabalho e escola só é favorável através de iniciativas e relações humanas e não somente através da técnica. Assim, a alternância tem caráter pedagógico, pois o local com a família e/ou comunidade é caracterizado como ambiente de aprendizado. Os princípios educativos e de aprendizagem são organizados em função do trabalho do aluno. Essa pedagogia está centrada na vida do aluno como um referencial de aprendizagem significativa, junto às atividades rurais exercidas por sua família, a partir do qual ele poderá intervir em sua realidade.

Análise das informações:

A pesquisa possibilitou constatar a importância de um ensino que contemple a realidade dos jovens que vivem no meio rural. Os programas de ensino trabalhados com os jovens da cidade são os mesmos trabalhados com os do campo, mostrando a esses jovens,

valores sociais e culturais do modo de vida urbano. Somado a desvalorização da agricultura familiar, esse fator contribui para o incentivo deste jovem a migrar para as cidades em busca de emprego. Portanto o ensino do campo deve ser trabalhado através de um currículo diferenciado que atenda aos anseios desse público específico.

A agroecologia se constrói como alternativa para a agricultura familiar. Ela vem como uma alternativa aos problemas sociais e econômicos presentes que afetam a agricultura familiar.

O curso Técnico de Agroecologia ofertado pelo Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, é uma oportunidade para o atendimento a essas necessidades, pois através do sistema de alternância, o aluno é estimulado a permanecer no campo, e tem na agroecologia o fortalecimento da agricultura familiar que também pode contribuir na preservação ambiental.

Por meio da aplicação do questionário, percebemos que 68% dos alunos são filhos de pequenos produtores e tem como base de mão de obra na agricultura, a família, portanto fazem parte do segmento da agricultura familiar.

Constatamos que a maioria dos alunos concebe a agroecologia como uma técnica que não utiliza agrotóxicos. Eles associam a agroecologia à educação ambiental e a agricultura ecológica sustentável. Uma parcela menor de alunos cita que além de incorporar princípios e tecnologias de base ecológica sustentável, a agroecologia é uma prática agrícola voltada especialmente para a agricultura familiar.

A proposta da agroecologia surge como uma prática que visa resgatar as técnicas de cultivo, as relações sociais e a valorização dos agricultores, conservar a natureza, garantir segurança alimentar, além de contribuir para a diminuição do êxodo rural.

Os agricultores familiares sofrem com a exclusão social e este é o foco principal da metodologia adotada pelo curso. (OLIVEIRA, 2007, p. 133). A Pedagogia da Alternância trabalha por meio da educação do campo, o estímulo à conversão da agricultura convencional para a agroecológica. Por isso entendemos que o curso técnico em agroecologia, favorece esta prática através do estímulo aos jovens a

essa conversão, por meio das atividades que este deve realizar nas semanas de alternância, contribuindo para fortalecer a sustentabilidade ecológica e um modelo socioeconômico que favoreça os agricultores familiares.

Nas visitas feitas a algumas propriedades pudemos verificar as práticas agroecológicas desenvolvidas pelos alunos do curso durante a semana da Alternância. Constatamos por meio dos questionários, que na 2ª série quase todos os alunos realizam alguma atividade agroecológica prática durante a semana de alternância. Na 3ª série a metade da turma é oriunda da zona urbana, o que dificulta o desenvolvimento das práticas. Do grupo colaborador desta pesquisa somente dois alunos do meio rural afirmaram não realizar nenhuma prática na semana de alternância.

Identificamos que dos 16 alunos oriundos do meio rural, 10 deles desenvolveram como prática agroecológica na propriedade onde moram uma horta. Isso demonstrou que a maioria dos alunos procura aplicar os conhecimentos adquiridos na escola através desta prática.

A partir dos dados coletados, identificamos que alguns alunos além de realizar uma horta, auxiliam os pais na produção da propriedade. Isso enriquece a prática pedagógica da alternância, pois a maioria dos alunos está de fato utilizando a semana para unir o conhecimento adquirido na escola, a cultura local e fortalecer a relação familiar através do trabalho junto a esta.

Nas visitas que fizemos as propriedades constatamos que nem todos os alunos oriundos do meio rural realizam atividades na semana de alternância. Pudemos comprovar que das propriedades visitadas todos os alunos da 1ª série realizaram práticas agroecológicas através de horta e de outra atividade. Entre os alunos da 2ª série, a maioria havia realizado uma horta como atividade de alternância e um deles não havia realizado nenhuma atividade. Quanto aos alunos da 3ª série, a maioria realizou também uma horta e um deles não realizou nenhuma atividade. Entretanto, um aluno da 1ª série demonstrou grande interesse nas atividades propostas pelo curso, pois realizou durante as semanas

de alternância várias práticas agroecológicas, superando as expectativas dos professores.

Percebemos que na medida em que os alunos avançam de série, diminui também a incidência de atividades nas propriedades. Entendemos então que isto ocorre pela inexperiência em atividades agroecológicas dos educandos da 1ª série que estão entrando no curso, cheios de expectativas e dispostos a realizá-las. Com o avanço para a série seguinte, adquirem experiências de atividades, e assim o mínimo que fazem é a realização de uma horta nas propriedades onde moram. Notamos assim, que a semana de alternância acaba sendo utilizada, por muitos desses alunos, não mais para o fim pedagógico inicial, mas para a realização de trabalhos escolares, outros acabam indo trabalhar nas propriedades vizinhas para auxiliar na renda da família.

Concluimos que essa lógica se estabelece pela informalidade dos projetos e por não serem atribuídas notas aos alunos, inexistindo uma avaliação formal. Estes alunos por sua vez não têm obrigatoriedade da realização das atividades. Acreditamos que a atribuição de nota pelas atividades realizadas nas alternâncias seria interessante, assim como ocorre na disciplina de estágio supervisionado.

Outro aspecto observado é que o curso necessita de mais visitas dos professores as propriedades dos alunos. Contudo, considerando as distâncias entre as famílias dos alunos e a escola atualmente uma das grandes dificuldades encontradas pelos professores é quanto ao deslocamento até as propriedades, pois não há verbas suficientes para a compra de combustível. Assim, as visitas são realizadas uma única vez a cada família durante todos os três anos que o aluno encontra-se matriculado no curso.

Ao analisarmos o objetivo da Pedagogia da Alternância desenvolvida pelo Curso Técnico em Agroecologia do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas que é estabelecer o laço entre o aluno, a família e o meio rural por meio das vivências nas semanas de alternância, concluimos que ele é atingido, mesmo que não esteja diretamente ligado a realização de práticas agroecológicas na propriedade. Dentre as respostas obtidas nos questionários, percebemos que grande parte dos

alunos pretende continuar trabalhando na zona rural, outros pretendem aperfeiçoamento em uma universidade, em cursos relacionados à área ambiental, para continuar o trabalho na propriedade dos pais. Poucos foram os alunos que disseram que ainda não decidiram permanecer na propriedade. Entendemos que é imprescindível um sistema de ensino que contemple a realidade dos jovens do meio rural, pois a modalidade de ensino atual, além de excluir o jovem de seu meio, incentiva-o a trabalhar nas cidades como mão de obra desqualificada.

Considerações finais

Pôde-se concluir que a semana de alternância do curso Técnico em Agroecologia ,do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, está alcançando êxito no tocante ao jovem não perder o vínculo familiar, e estar desenvolvendo técnicas apreendidas no Colégio, em sua propriedade, embora não esteja ocorrendo de modo total nos estudantes, pois como foi verificado nem todos desempenham um projeto agroecológico.Com isso nota-se que alguns pontos precisam serem melhores trabalhados pela coordenação do curso e professores, para que a totalidade dos alunos se sintam motivados a realizarem projetos agroecológicos, nas propriedades que residem. Outro ponto relevante na pesquisa é a relação de cordialidade e respeito que envolve os alunos que já foram visitados e os professores visitantes, no decorrer do curso.

Constatou-se que a relação dos educandos é mais forte com a mãe, mas que o pai está sempre informado e presente nas soluções de problemas que possam ocorrer com o seu filho(a),seja no âmbito familiar ou educacional e que os pais também passam a enxergar o Colégio com mais respeito, depois da visita de alternância.

Entende-se conseqüentemente que a família e a escola precisam estar na mesma sintonia, como se fossem uma orquestra onde todos os instrumentos estão em harmonia para apresentar um belo concerto. Portanto, é necessário para que aconteça o aprendizado que a escola precisa da família, como a família precisa da escola. Só assim poderemos alcançar um melhor êxito no processo ensino aprendizagem.

Referências bibliográficas:

- ALTAFIN, I. Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar. 2007. Disponível em: <<http://redeagroecologia.cnptia.embrapa.br/biblioteca/agricultura-familiar>>. Acesso em: 05 jun. 2010.
- ALTIERI, M. Agroecologia: as bases científicas para uma agricultura sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. 592p.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Líber Livro; 2005. 70 P. (Série Pesquisa, v. 13)
- BRASIL, Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.
- _____. Lei nº. 11.326, de 24 de Julho de 2006. Diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União, 25 de julho de 2006.
- BURG, I. C. As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no sudoeste paranaense. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- CALIARI, R. O.; ALENCAR, E.; AMÂNCIO, R. Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Local. Organizações rurais e agroindustriais. Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, v. 4, n. 2, p. 52-62, jul. 2002.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IIICA, 2004, 24 p.
- _____. J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n. 3. jul./set. 2002. p. 70-85. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n3/revista11_artigo3.pdf>. Acesso em 04 abr. 2010.

- CASA FAMILIAR RURAL. Disponível em: <<http://www.arcafarsul.org.br/novo/cfrs.php>> . Acesso em 31 jul. 2010.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. AGENDA 21. Curitiba: IPARDES, 2001. 260 p.
- COSTA, M. I. E. Uma Residência para as Ciências Agrárias: Saberes coletivos para um projeto camponês e universitário. 2006, 86 f. Dissertação (Mestrado em Política e Gestão Ambiental) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- DELORS, 2006. In: PIATZCHAKI, I. B. Estrutura e funcionamento da educação básica. FAPI-Pedagogia, Pró-Escola, 2010.
- DUFFAURE. A Educación, Médio y Alternancia. In SÃO PAULO. Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Retrato falado da alternância: sustentando o desenvolvimento rural através da educação. FAT (Fundação de Apoio à Tecnologia) e CEETEPS (Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza), 2000.
- EMBRAPA, EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Marco referencial em agroecologia. Brasília: EMBRAPA, Informação tecnológica, 2006. 70 p.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.
- _____. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 184 p.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.
- GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.2, n.1, p. 35-45, jan./mar. 2001. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano2_n1/revista_agroecologia_ano2_num1_parte08_artigo.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2010.
- HECHT, S. B. A evolução do pensamento Agroecológico. In ALTIERI, M. Agroecologia: as bases científicas para uma agricultura sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. 592p.

LEFF, E. Agroecologia e Saber Ambiental. Texto apresentado ao II Seminário Internacional sobre Agroecologia, Porto Alegre, 26 a 28 de novembro de 2001. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002. p. 36-51. Disponível em <www.emater.tche.br>. Acesso em 15 ago. 2010.

_____. Epistemologia Ambiental (tradução de Sandra Velenzuela). 3. ed. (2002), São Paulo: Cortez, 2002. 240 p.

_____. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. (tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis), Rio de Janeiro: Vozes. 2001. 343 p.

MORAN, J.; Masetto, M. T. e BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000. pg. 11-66

MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. Revista Agricultura em São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-4.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

NORGAARD, R.B.; SIKOR, T.O. Metodologia e prática da agroecologia. In: ALTIERI, Miguel. Agroecologia: as bases científicas para uma agricultura sustentável; Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. p. 53-83.

OLIVEIRA, A. U. Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH, 2007, 184 p.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Curitiba 2006. 52 pg.

_____. Secretária de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental, Educação do Campo: II Cadernos Temáticos da Educação do Campo. Curitiba: SEED, 2009, 194 p.

PASSADOR, S. C. Projeto Escola do Campo: Casas Familiares Rurais do estado do Paraná. In FARAH, M. F. S. e BARBOZA, H.B. Novas Experiências de Gestão Pública e Cidadania. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 145-156

PATTO, M. H. S. Introdução à psicologia escolar. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 13-81.

PESSOTI, A. L. Ensino médio rural: as contradições da formação em alternância. In SÃO PAULO. Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Retrato falado da alternância: sustentando o desenvolvimento rural através da educação. FAT (Fundação de Apoio à Tecnologia) e CEETEPS (Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza), 2000. 180 pg.

PINHEIRO, G. S. R. Agricultor familiar e projeto agroecológico de vida. 2004, 122 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, CURITIBA, 2004

Plano de Curso do Curso Técnico em Agroecologia. Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, 2005. Texto cedido pelo estabelecimento de Ensino.

Plano de Estágio do Curso Técnico em Agroecologia. Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, 2009. Texto cedido pelo estabelecimento de Ensino.

REIJNTJES, C. Agricultura para o futuro: uma introdução à agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos. ed. AS-PTA: Rio de Janeiro, 1999. 324 p.

ROSA, P. P. V. Agroecologia e agricultura familiar na construção do desenvolvimento local sustentável. Revista Discente Expressões Geográficas. n. 5, ano V, p. 172 – 173, maio, 2009. Disponível em: <<http://www.geograficas.cfh.ufsc.br>>. Acesso em: 17 abr. 2010.

SÃO PAULO. Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Retrato falado da alternância: sustentando o desenvolvimento rural através da educação. FAT (Fundação de Apoio à Tecnologia) e CEETEPS (Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza), 2000. 180 pg.

SILVA, L. H. Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. A experiência brasileira. Texto da Conferência proferida na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, a 17 de Maio de 2007. Sisifo. Revista de Ciências e Educação, n. 5, p. 105-112. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: 08 ago. 2010.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. Revista SOCERJ, vol. 20, n. 5, set./out. 2007. p. 383-386. disponível em <http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em : 05 set. 2010.